

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

AGOSTO DE 1866

Nº 8

Maomé e o Islamismo

Algumas vezes, sobre os homens e as coisas, há opiniões que se acreditam e passam ao estado de coisas aceitas, por mais errôneas que sejam, porque se acha mais fácil as aceitar completamente acabadas. Assim acontece com Maomé e sua religião, da qual quase que só se conhece o lado legendário. Além disso, o antagonismo das crenças, quer por espírito de partido, quer por ignorância, empenhou-se em fazer ressaltar os pontos mais acessíveis à crítica, muitas vezes deixando intencionalmente na sombra as partes mais favoráveis. Quanto ao público imparcial e desinteressado, é preciso dizer em sua defesa que faltaram elementos indispensáveis para julgar por si mesmo. As obras que o poderiam ter esclarecido, escritas numa linguagem apenas conhecida de alguns cientistas, eram-lhe inacessíveis; e como, em última análise, não havia para ele nenhum interesse direto, acreditou sob palavra naquilo que lhe diziam, sem perguntar mais. Disto resultou que sobre o fundador do islamismo se fizeram idéias muitas vezes falsas ou ridículas, baseadas em preconceitos, que não encontravam nenhum corretivo na discussão.

Os trabalhos perseverantes e conscienciosos de alguns sábios orientistas modernos, tais como Caussin de Perceval, na França, o doutor W. Muir, na Inglaterra, G. Weil e Sprenger, na Alemanha, hoje permitem encarar a questão sob sua verdadeira luz¹⁵. Graças a eles, Maomé nos aparece completamente diverso dos contos populares. O lugar considerável que sua religião ocupa na Humanidade e sua influência política hoje fazem deste estudo uma necessidade. Durante muito tempo a diversidade das religiões foi uma das principais causas de antagonismo entre os povos. No momento em que elas têm uma tendência manifesta para se aproximarem, fazendo desaparecerem as barreiras que as separam, é útil conhecer, em suas crenças, o que pode favorecer ou retardar a aplicação do grande princípio de fraternidade universal. De todas as religiões, o islamismo é a que, à primeira vista, parece encerrar os maiores obstáculos a essa aproximação. Desse ponto de vista, como se vê, o assunto não poderia ser indiferente aos espíritas, razão pela qual julgamos dever tratá-lo aqui.

Sempre se julga mal uma religião quando se toma como ponto de partida exclusivo suas crenças pessoais, porque então é difícil justificar-se um sentimento de parcialidade na apreciação dos princípios. Para lhe compreender o forte e o fraco é preciso vê-la de um ponto de vista mais elevado, abarcar o conjunto de suas causas e de seus efeitos. Se nos reportarmos ao meio onde ela surgiu, aí encontraremos quase sempre, se não uma justificativa completa, ao menos uma razão de ser. É necessário, sobretudo, penetrar-se do pensamento inicial do fundador e dos motivos que o guiaram. Longe de nós a intenção de absolver Maomé de todas as suas faltas, nem sua religião de todos os erros que chocam o mais vulgar bom-senso. Mas a bem da verdade devemos dizer que também seria pouco lógico julgar essa religião conforme o que dela fez o fanatismo, como o seria julgar o Cristianismo segundo a

15 O Sr. Barthélemy Saint-Hilaire, do Instituto, resumiu esses trabalhos numa interessante obra, intitulada: *Maomé e o Alcorão*. 1 vol. In-12. – Preço: 3 fr. 50 c. Livraria Didier.

maneira por que alguns cristãos o praticam. É bem certo que, se os muçulmanos seguissem em espírito o Alcorão, que o Profeta lhes deu por guia, seriam, sob muitos aspectos, completamente diferentes do que são. Entretanto esse livro, apesar de tão sagrado para eles, que só o tocam com respeito, que o lêem e relêem sem cessar, que até o sabem de cor os mais fervorosos, quantos o compreendem? Comentam-no, mas do ponto de vista das idéias preconcebidas, de cujo afastamento fariam um caso de consciência, aí não vendo, portanto, senão o que querem ver. Aliás, a linguagem figurada permite aí encontrar tudo o que se quer, e os sacerdotes, que lá como alhures, governam pela fé cega, não buscam descobrir o que lhes pudesse embaraçar. Não é, pois, junto aos doutores da lei que se deve inquirir do espírito da lei de Maomé. Os cristãos também têm o Evangelho, muito mais explícito que o Alcorão, como código de moral, o que não impede que em nome desse mesmo Evangelho, que manda amar até os inimigos, tenham torturado e queimado milhares de vítimas, e que de uma lei toda de caridade tenham feito uma arma de intolerância e de perseguição. Pode-se exigir que povos ainda semibárbaros façam uma interpretação mais justa de suas escrituras sagradas do que o fazem os cristãos civilizados?

Para apreciar a obra de Maomé é preciso remontar à sua fonte, conhecer o homem e o povo ao qual ele dera a missão de regenerar, e só então se compreende que, para o meio onde ele vivia, seu código religioso era um progresso real. Lancemos, primeiro, uma vista d'olhos sobre a região.

Em tempos imemoriais a Arábia era povoada por uma multidão de tribos, quase todas nômade, e perpetuamente em guerra umas contra as outras, suprimindo pela pilhagem a pouca riqueza que proporcionava um trabalho penoso, sob um clima abrasador. Os rebanhos eram seus principais recursos; algumas tribos se davam ao comércio, que era feito por caravanas, partindo anualmente do Sul, para ir à Síria ou à Mesopotâmia. Sendo quase

inacessível o centro dessa quase ilha, as caravanas pouco se afastavam do litoral; as principais seguiam o Hidjaz, região que forma, nas margens do mar Vermelho, estreita faixa de quinhentas léguas de extensão, separada do centro por uma cadeia de montanhas, prolongamento das da Palestina. A palavra árabe *Hidjaz* significa barreira e se dizia da cadeia de montanhas que ladeia essa região e a separa do resto da Arábia. O Hidjaz e o Iêmen ao sul, são as partes mais férteis; o centro não passa de um vasto deserto.

Essas tribos haviam estabelecido mercados para onde se dirigiam de todas as partes da Arábia; lá se regulavam os negócios comuns; as tribos inimigas trocavam os seus prisioneiros de guerra e muitas vezes decidiam as suas diferenças por arbitragem. Coisa singular, essas populações, por mais bárbaras que fossem, apaixonavam-se pela poesia. Nesses lugares de reunião e durante os intervalos de lazer, deixados pelos cuidados dos negócios, havia disputa entre os poetas mais hábeis de cada tribo; o concurso era julgado pelos assistentes e, para uma tribo, era uma grande honra conquistar a vitória. As poesias de mérito excepcional eram transcritas em letras de ouro e pregadas nos muros sagrados da Caaba, em Meca, de onde lhes veio o nome de *Moudhabbat*, ou poemas dourados.

Como para ir a esses mercados anuais e deles voltar com segurança era preciso certo tempo, havia quatro meses do ano em que os combates eram interditos e nos quais não se podia perturbar as caravanas e os viajantes. Combater durante esses meses reservados era olhado como um sacrilégio, que provocava as mais terríveis represálias.

Os pontos de estação das caravanas, que paravam nos lugares onde encontravam água e árvores, tornaram-se centros onde, pouco a pouco, formaram-se cidades, das quais as duas principais, no Hidjaz, são Meca e Yathrib, hoje Medina.

A maior parte dessas tribos pretendia descender de Abraão, razão por que esse patriarca era tido em grande honra entre eles. Sua língua, por suas relações com o hebraico, atestava, com efeito, uma comunidade de origem entre o povo árabe e o povo judeu. Mas não parece menos certo que o sul da Arábia tenha tido seus habitantes nativos.

Entre essas populações havia uma crença, tido como certa, de que a famosa fonte de Zemzem, no vale do Meca, era a que tinha feito jorrar o anjo Gabriel, quando Agar, perdida no deserto, ia perecer de sede com seu filho Ismael. A tradição referia igualmente que Abraão, tendo vindo ver seu filho exilado, havia construído com suas próprias mãos, não longe dessa fonte, a *Caaba*, casa quadrada, de nove côvados de altura por trinta e dois de comprimento e vinte e dois de largura¹⁶. Esta casa, religiosamente conservada, tornou-se um lugar de grande devoção, que faziam um dever visitar e que foi transformada em templo. As caravanas aí paravam naturalmente e os peregrinos aproveitavam sua companhia para viajar com mais segurança. Foi assim que a peregrinação a Meca existia desde tempos imemoriais. Maomé não fez senão consagrar e tornar obrigatório um uso estabelecido. Para tanto teve um objetivo político, que veremos mais tarde.

Num dos ângulos externos do templo estava incrustada a famosa *pedra negra*, trazida dos céus, dizem, pelo anjo Gabriel, para marcar o ponto onde deviam começar os giros em que os peregrinos deviam fazer sete vezes ao redor da Caaba. Pretendem que, na origem, esta pedra era de uma brancura deslumbrante, mas que os toques dos pecadores a enegreceram. No dizer dos viajantes que a viram, ela não tem mais de seis polegadas de altura por oito de comprimento. Pareceria um simples pedaço de basalto, ou talvez um aerólito, o que explicaria sua origem celeste, segundo as crenças populares.

16 O côvado equivale a cerca de 45 centímetros. É uma medida natural das mais antigas, que tinha por base a distância entre o cotovelo e a extremidade dos dedos.

Construída por Abraão, a Caaba não tinha porta que a fechasse e era ao nível do solo. Destruída pela irrupção de uma torrente lá pelo ano 150 da era cristã, foi reconstruída e elevada acima do solo, para abrigá-la de semelhantes acidentes. Cerca de cinquenta anos mais tarde, um chefe de tribo do Iêmen aí pôs uma cobertura de estofos preciosos e colocou uma porta com fechadura para pôr em segurança as dádivas valiosas acumuladas incessantemente pela piedade dos peregrinos.

A veneração dos árabes pela Caaba e o território que a circundava era tão grande que não tinham ousado aí construir habitações. Essa área tão respeitada, chamada Haram, compreendia todo o vale do Meca, cuja circunferência é de cerca de quinze léguas. A honra de guardar esse templo venerado era muito cobiçada; as tribos a disputavam e o mais das vezes essa atribuição era um direito de conquista. No século quinto, Cossayy, chefe da tribo dos coraicitas, quinto antepassado de Maomé, tendo-se tornado senhor do Haram e tendo sido investido do poder civil e religioso, mandou construir seu palácio ao lado da Caaba, permitindo aos de sua tribo que ali se estabelecessem. Assim foi fundada a cidade de Meca. Parece ter sido ele o primeiro que colocou uma cobertura de madeira na Caaba. A Caaba está hoje na área de uma mesquita, e Meca é uma cidade de aproximadamente quarenta mil habitantes, depois de ter tido, ao que se diz, cem mil.

No princípio, a religião dos árabes consistia na adoração de um Deus único, a cujas vontades o homem deve submeter-se completamente. Essa religião, que era a de Abraão, chamava-se *Islã* e os que a professavam diziam-se *muçulmanos*, isto é, submissos à vontade de Deus. Mas, pouco a pouco o puro Islã degenerou em grosseira idolatria; cada tribo teve os seus deuses e os seus ídolos, que defendia com exagero pelas armas, para provar a superioridade de seu poder. Muitas vezes estas foram, entre outras, as causas ou o pretexto de guerras longas e encarniçadas.

A fé de Abraão, apesar do respeito que conservavam por sua memória, havia desaparecido entre esses povos, ou pelo menos tinha sido de tal modo desfigurada que na realidade não mais existia. A veneração pelos objetos considerados sagrados tinha caído no mais absurdo fetichismo; o culto da matéria tinha substituído o do espírito; atribuía-se um poder sobrenatural aos objetos mais vulgares consagrados pela superstição, a uma imagem, a uma estátua. Tendo o pensamento abandonado o princípio pelo seu símbolo, a piedade não passava de uma série de práticas exteriores minuciosas, das quais a menor infração era encarada como um sacrilégio.

Contudo, ainda se encontravam em certas tribos alguns adoradores do Deus único, homens piedosos que praticavam a mais inteira submissão à sua vontade suprema e repeliam o culto dos ídolos; eram chamados *Hanyfes*. Eram os verdadeiros muçulmanos, os que tinham conservado a fé pura do Islã; mas eram pouco numerosos e sem influência sobre o espírito das massas. Desde muito tempo colônias judias se haviam estabelecido no Hydjaz e tinham conquistado um certo número de prosélitos ao judaísmo, principalmente entre os hanyfes. O Cristianismo também aí teve os seus representantes e propagadores nos primeiros séculos de nossa era, mas nem uma nem outra dessas duas crenças aí produziram raízes profundas e duráveis. A idolatria tinha se tornado a religião dominante; convinha melhor, por sua diversidade, à independência turbulenta e à divisão infinita das tribos, que a praticavam com o mais violento fanatismo. Para triunfar dessa anarquia religiosa e política, era preciso um homem de gênio, capaz de impor-se por sua energia e firmeza, bastante hábil para participar dos costumes e do caráter desses povos, e cuja missão fosse revelada aos seus olhos pelo prestígio de suas qualidades de profeta. Este homem foi Maomé.

Maomé nasceu em Meca no dia 27 de agosto de 570 d.C., no ano dito do elefante. Não era, como se crê vulgarmente,

um homem obscuro. Ao contrário, pertencia a uma família poderosa e considerada da tribo dos coraicitas, uma das mais importantes da Arábia, e a que então dominava em Meca. Fazem-no descender em linha reta de Ismael, filho de Abraão e de Agar. Seus últimos antepassados, Cossayy, Abd-Menab, Hachim e Abd-el-Moutalib, seu avô, se haviam ilustrado por eminentes qualidades e altas funções que tinham desempenhado. Sua mãe, Amina, era de nobre família coraicita e descendia também de Cossayy. Tendo seu pai Abd-Allah morrido dois meses antes de seu nascimento, ele foi educado com muita ternura por sua mãe, que o deixou órfão com a idade de seis anos; depois por seu avô Abd-el-Moutalib, que se afeiçoou muito a ele e se comprazia muitas vezes em lhe predizer altos destinos, mas que, ele próprio, morreu dois anos depois.

Não obstante a posição que tinha ocupado sua família, Maomé passou a infância e a juventude num estado vizinho ao da miséria; sua mãe lhe havia deixado por toda herança um rebanho de carneiros, cinco camelos e uma fiel escrava negra, que o havia cuidado e pela qual ele conservou sempre um vivo apego. Depois da morte de seu avô, foi acolhido pelos tios, cujos rebanhos pastoreou até a idade de vinte anos; acompanhou-os também em suas expedições guerreiras contra outras tribos; mas, sendo de humor suave e pacífico, nelas não tomava parte ativa, sem, contudo, fugir ou temer o perigo, limitando-se a ir apanhar suas flechas. Quando chegou ao apogeu da glória, gostava de lembrar que Moisés e Davi, ambos profetas, tinham sido pastores como ele.

Tinha o espírito meditativo e sonhador; seu caráter, de uma solidez e maturidade precoces, aliados a uma extrema retidão, a um perfeito desinteresse e a costumes irrepreensíveis, lhe granjearam tal confiança da parte de seus companheiros que o designavam pelo sobrenome de *El-Amin*, “o homem seguro, o homem fiel.” E, conquanto jovem e pobre, convocavam-no às assembléias da tribo para os negócios mais importantes. Fazia parte de uma associação formada entre as principais famílias coraicitas,

tendo em vista prevenir as desordens da guerra, proteger os fracos e lhes fazer justiça. Vangloriava-se de ter concorrido para isto e, nos últimos anos de sua vida, sempre se via ligado pelo juramento que, neste sentido, havia prestado na mocidade. Dizia que estava pronto a responder ao apelo que lhe fizesse o homem mais obscuro em nome desse juramento, e que não queria, pelos mais belos camelos da Arábia, faltar à fé que jurara. Por esse juramento os associados juravam, diante de uma divindade vingadora, que tomariam a defesa dos oprimidos e se bateriam pela punição dos culpados enquanto houvesse uma gota de água no oceano.

Quanto ao físico, Maomé era fortemente constituído e de estatura pouco acima da média; a cabeça muito grande; a fisionomia, marcada de suave gravidade, era agradável sem ser bela e transpirava calma e tranqüilidade.

Com a idade de vinte e cinco anos casou-se com sua prima Cadija, rica viúva, no mínimo quinze anos mais velha que ele, cuja confiança havia conquistado pela inteligente probidade que desenvolvera na condução de uma de suas caravanas. Era uma mulher superior. Essa união, que durou vinte e quatro anos e só terminou pela morte de Cadija, aos sessenta e quatro anos, foi constantemente feliz. Maomé tinha, então, quarenta e nove anos e essa perda lhe causou profunda dor.

Depois da morte de Cadija seus costumes mudaram. Desposou várias mulheres; teve doze ou treze em casamentos legítimos e, ao morrer, deixou nove viúvas. Incontestavelmente isto foi um erro capital, cujas lamentáveis conseqüências veremos mais tarde.

Até os quarenta anos sua vida pacífica nada oferece de extraordinário. Só um fato o tirou um instante da obscuridade; tinha, então, trinta e cinco anos. Os coraicitas resolveram reconstruir a Caaba, que ameaçava desabar. Só com muito trabalho

se apaziguaram, pela repartição dos trabalhos, as contendas suscitadas pela rivalidade das famílias que nela queriam participar. Esses conflitos ressurgiram com extrema violência quando se tratou de recolocar a famosa pedra negra. Ninguém queria ceder seu direito, os trabalhos tinham sido interrompidos e de todos os lados corriam às armas. Por proposta do decano concordaram em aceitar a decisão da primeira pessoa que entrasse na sala das deliberações: foi Maomé. Logo que o viram, cada um gritou: “*EL-Amin! El-amin!* o homem seguro e fiel.” E esperavam o seu julgamento. Por sua presença de espírito resolveu a dificuldade. Tendo lançado o manto no chão, nele pôs a pedra e pediu a quatro dos principais chefes facciosos que o tomassem, cada um por uma ponta, e o levantassem, todos juntos, até à altura que a pedra devia ocupar, isto é, a quatro ou cinco pés acima do solo. Então a tomou e a colocou com suas próprias mãos. Os assistentes se declararam satisfeitos e a paz foi restabelecida.

Maomé gostava de passear sozinho nos arredores de Meca e, anualmente, durante os meses sagrados de trégua, retirava-se para o monte Hira, numa gruta estreita, onde se entregava à meditação. Tinha quarenta anos quando, num de seus retiros, teve uma visão durante o sono. O anjo Gabriel lhe apareceu, mostrando-lhe um livro e ordenando que o lesse. Três vezes Maomé resistiu a essa ordem, e só para escapar ao constrangimento exercido sobre ele é que consentiu em o ler. Ao despertar disse ter sentido “que um livro tinha sido escrito em seu coração.” O sentido dessa expressão é evidente; significa que havia tido a inspiração de um livro. Mais tarde, porém, ela foi tomada ao pé da letra, como muitas vezes acontece com as coisas ditas em linguagem figurada.

Um outro fato prova a que erros de interpretação podem conduzir a ignorância e o fanatismo. Em algum lugar do Alcorão diz Maomé: “Não abrimos teu coração e não tiramos o fardo de teus ombros?” Estas palavras, relacionadas com um acidente ocorrido a Maomé quando era criança, deram lugar à

fábula, acreditada entre os crentes e ensinada pelos sacerdotes como um fato miraculoso, de que dois anjos abriram o ventre do menino e tiraram de seu coração uma mancha negra, sinal do pecado original. Deve-se acusar Maomé por esses absurdos, ou os que não o compreenderam? Dá-se o mesmo com uma imensidade de contos ridículos, sobre os quais o acusam de ter apoiado sua religião. Eis por que não vacilamos em dizer que um cristão esclarecido e imparcial está em melhores condições de dar uma sã interpretação do Alcorão do que um muçulmano fanático.

Seja como for, Maomé foi profundamente perturbado em sua visão, que se apressou a contar à sua mulher. Tendo voltado ao monte Hira, presa da mais viva agitação, julgou-se possuído por Espíritos malignos e, para escapar ao mal que temia, ia precipitar-se do alto de um rochedo, quando uma voz, vinda do céu, se fez ouvir e lhe disse: “Ó Maomé! tu és o enviado de Deus; sou o anjo Gabriel.” Então, levantando os olhos, viu o anjo sob forma humana, desaparecendo, pouco a pouco, no horizonte. Esta nova visão não fez senão aumentar a sua perturbação; comunicou-a a Cadija, que se esforçou por o acalmar; mas, pouco segura de si mesma, foi procurar seu primo Varaka, ancião afamado por sua sabedoria e convertido ao Cristianismo, que lhe disse: “Se o que acabas de dizer-me é verdade, teu marido foi visitado pelo grande *Námous*, que outrora visitou Moisés; ele será o profeta deste povo. Anunciai a ele, e que se tranqüilize.” Algum tempo depois Varaka, tendo encontrado Maomé, fez que lhe contasse suas visões e lhe repetisse as palavras que havia dito à sua mulher, acrescentando: “Tratar-te-ão como impostor; expulsar-te-ão; combater-te-ão violentamente. Que eu possa viver até essa hora para te assistir nessa luta!”

O que resulta deste e de muitos outros fatos é que a missão de Maomé não foi um cálculo premeditado de sua parte; estava confirmada por outros, mas ainda não o estava por ele; demorou muito tempo para persuadir-se disto; mas desde que o

ficou, tomou-a muito a sério. Para ele próprio se convencer, desejava uma nova aparição do anjo que, segundo uns, demorou dois anos e, segundo outros, seis meses. É a esse intervalo de incerteza e de hesitação que os muçulmanos chamam o *fitreb*. Durante todo esse tempo seu espírito foi presa de perplexidades e dos mais vivos temores. Parecia-lhe que ia perder a razão, e era também a opinião de alguns que o cercavam. Era sujeito a desfalecimentos e sínopes, que os autores modernos atribuíram, sem outras provas além de sua opinião pessoal, a ataques de epilepsia, e que antes poderiam ser o efeito de um estado extático, cataléptico ou sonambúlico espontâneo. Nesses momentos de lucidez extracorpórea, muitas vezes se produziam, como se sabe, fenômenos estranhos, dos quais o Espiritismo se dá conta perfeitamente. Aos olhos de certa gente, ele devia passar por louco; outros viam nesses fenômenos, para eles singulares, algo de sobrenatural, que colocava o homem acima da Humanidade. “Quando se admite a ação da Providência nos negócios humanos, diz o Sr. Barthélemy Saint-Hilaire, não se pode deixar de a encontrar, também, nessas inteligências dominadoras que aparecem de longe em longe para esclarecer e conduzir o restante dos homens.”

O Alcorão não é uma obra escrita por Maomé, com a cabeça fria e de maneira continuada, mas o resumo feito por seus amigos das palavras que pronunciava quando estava inspirado. Nesses momentos, dos quais não era senhor, ele caía num estado extraordinário e muito assustador; o suor corria-lhe da frente; seus olhos tornavam-se vermelhos de sangue, soltava gemidos e, no mais das vezes, a crise terminava por uma síncope que durava mais ou menos tempo, o que por vezes lhe acontecia em meio à multidão, e mesmo quando montado em seu camelo, tanto quanto em casa. A inspiração era irregular e instantânea, e ele não podia prever o momento em que seria dominado.

Segundo o que hoje conhecemos desse estado por uma multidão de exemplos análogos, é provável que, sobretudo no princípio, ele não tivesse consciência do que dizia, e que se suas palavras não tivessem sido recolhidas, teriam ficado perdidas; mais tarde, porém, quando tomou a sério seu papel de reformador, é evidente que falava mais com conhecimento de causa e misturasse às inspirações o produto de seus próprios pensamentos, conforme os lugares e as circunstâncias, as paixões ou os sentimentos que o agitavam, tendo em vista o objetivo que queria atingir, acreditando, talvez de boa-fé, falar em nome de Deus.

Esses fragmentos isolados, recolhidos em diversas épocas, em número de 114, formam no Alcorão outros tantos capítulos chamados *suratas*; ficaram esparsos durante sua vida, e só depois de sua morte foram reunidos oficialmente num corpo de doutrina, pelos cuidados de Abu-Becr e de Omar. Dessas inspirações súbitas, recolhidas à medida que ocorriam, resultou uma falta absoluta de ordem e de método; os mais disparatados assuntos aí são tratados a esmo, muitas vezes na mesma *surata*, e apresentam tal confusão e tão numerosas repetições que uma leitura seguida é penosa e fastidiosa para quem quer que não seja um fiel.

Segundo a crença vulgar, tornada artigo de fé, as páginas do Alcorão foram escritas no céu e trazidas prontas a Maomé pelo anjo Gabriel, porque numa passagem se diz: “Teu Senhor é poderoso e misericordioso, e o Alcorão é uma revelação do Senhor do Universo. O Espírito fiel (o anjo Gabriel) o trouxe do Alto e o depositou em teu coração, ó Maomé, para que fosses apóstolo.” Maomé se exprime da mesma maneira em relação ao livro de Moisés e ao Evangelho; diz (*surata III*, versículo 2): “Ele fez descer do Alto o Pentateuco e o Evangelho, para servir de direção aos homens”, querendo dizer por isso que esses dois livros tinham sido inspirados por Deus a Moisés e a Jesus, como lhe havia inspirado o Alcorão.

Suas primeiras prédicas foram secretas durante dois anos, e nesse intervalo ele se ligou a uma centena de adeptos entre os membros de sua família e seus amigos. Os primeiros convertidos à nova fé foram Cadija, sua mulher; Ali, seu filho adotivo, de dez anos; Zeid, Varaka e Abu-Becr, seu mais íntimo amigo, que devia ser o seu sucessor. Tinha quarenta e dois anos quando começou a pregar publicamente e desde esse momento realizou-se a predição que lhe havia feito Varaka. Sua religião, fundada na unidade de Deus e na reforma de certos abusos, sendo a ruína da idolatria e dos que dela viviam, os coraicitas, guardas da Caaba e do culto nacional, levantaram-se contra ele. A princípio o trataram de louco; depois o acusaram de sacrilégio; amotinaram o povo; perseguiram-no e a perseguição tornou-se tão violenta que, por duas vezes, seus partidários tiveram de buscar refúgio na Abissínia. Entretanto, aos ultrajes ele sempre opunha a calma, o sangue-frio e a moderação. Sua seita crescia e seus adversários, vendo que não a podiam reduzir pela força, resolveram desacreditá-la pela calúnia. A zombaria e o ridículo não lhe foram poupados. Como se viu, os poetas eram numerosos entre os árabes; manejavam a sátira habilmente e seus versos eram lidos com avidez; era o meio empregado pela crítica mal-intencionada e não deixavam de a empregar contra ele. Como ele resistisse a tudo, seus inimigos, enfim, recorreram aos complôs para o matar e ele só escapou pela fuga ao perigo que o ameaçava. Foi então que se refugiou em *Yathrib*, depois chamada *Medina* (*Medinet-en-Nabi*, cidade do Profeta), no ano 622, e é dessa época que data a *Hégira*, ou era dos muçulmanos. Ele tinha mandado antecipadamente, a essa cidade, em pequenas tropas para não provocar suspeitas, todos os seus partidários de Meca, retirando-se por último, com Abu-Becr e Ali, seus discípulos mais devotados, quando soube que os outros estavam em segurança.

Dessa época data também para Maomé uma nova fase em sua existência; de simples profeta que era, foi constringido a fazer-se guerreiro.

(Continua no próximo número)

Os Profetas do Passado

Uma obra intitulada *Os profetas do passado*, por Barbey d'Aurévilly, encerra o elogio de Joseph de Miastre e de Bonald, porque ficaram ultramontanos durante toda a vida, ao passo que Chateaubriand aí é censurado e Lamennais insultado e apresentado sob aspecto odioso.

A passagem seguinte mostra com que espírito o livro é concebido:

“Neste mundo, onde o espírito e o corpo estão unidos por um mistério indissolúvel, *o castigo corporal tem sua razão espiritual de existir*, porque o homem não tem a missão de desdobrar a Criação. Pois bem! se em vez de queimar os escritos de Lutero, *cujas cinzas caíram na Europa como uma semente*, tivessem *queimado o próprio Lutero*, o mundo estaria salvo pelo menos por um século. Queimado Lutero, vão gritar; mas não me atenho essencialmente à fogueira, desde que o erro seja *suprimido* na sua manifestação do momento e em sua manifestação contínua, isto é, *o homem* que o disse ou escreveu e que o chama verdade. É muito para os cordeiros da anarquia, *que não balem senão a liberdade!* Um homem de gênio, o mais positivo que viveu desde Maquiavel e que absolutamente não era católico, mas, ao contrário, um tanto liberal, dizia, com a brutalidade de uma decisão necessária: “Minha política é *matar dois homens*, quando necessário, para salvar três.” Ora, *matando Lutero*, não são três homens que se salvariam à custa de dois: eram milhares de homens à custa de um só. Aliás, há mais que a economia do sangue dos homens: há o respeito da consciência e da inteligência do gênero humano. Lutero falseava uma e outra. Depois, quando há um ensinamento e uma fé social – era, então, o catolicismo – é preciso defendê-los e protegê-los, sob pena de perecer, um dia ou outro, como sociedade. Daí tribunais e instituições para conhecerem delitos contra a fé e o ensino. *A Inquisição é, pois, de necessidade lógica em qualquer sociedade.*”

Se os princípios que acabamos de citar não passassem de opinião pessoal do autor dessa obra, não haveria por que se preocupar com muitas outras excentricidades. Mas ele não fala apenas em seu nome, e o partido do qual ele se faz órgão, não as desaprovando, ao menos lhe dá uma adesão tácita. Aliás, não é a primeira vez que, em nossos dias, essas mesmas doutrinas são preconizadas publicamente e é bem certo que elas ainda constituem a opinião de certa classe de pessoas. Se não se comove bastante, é que a sociedade tem muita consciência de sua força para se assustar. Cada um compreende que tais anacronismos prejudicam, antes de tudo, aos que os cometem, porque cavam mais profundamente o abismo entre o passado e o presente; esclarecem as massas e as mantêm despertas.

Como se vê, o autor não disfarça o seu pensamento e não toma precauções oratórias; não vai por quatro caminhos: “Teria sido necessário queimar Lutero; teria sido preciso queimar todos os fautores de heresias, para maior glória de Deus e salvação da religião.” É claro e preciso. É triste para uma religião fundar a sua autoridade e estabilidade em semelhantes expedientes; é mostrar pouca confiança em seu ascendente moral. Se a sua base é a verdade absoluta, deve desafiar todos os argumentos contrários; como o Sol, basta que se mostre para dissipar as trevas. Toda religião que vem de Deus nada tem a temer do capricho nem da malícia dos homens; haure sua força no raciocínio; e se estivesse no poder de um homem derrubá-la, de duas uma: ou não seria obra de Deus, ou esse homem seria mais lógico do que Deus, já que seus argumentos prevaleceriam contra os de Deus.

O autor teria preferido antes queimar Lutero que os seus livros, porque, diz ele, *as cinzas destes caíram sobre a Europa como uma semente*. É de convir, pois, que os auto-de-fé de livros aproveitam mais à idéia que se quer destruir do que a prejudicam. Eis aí uma grande e profunda verdade constatada pela experiência. Por isso, queimar o homem lhe parece mais eficaz, porque, em sua opinião, é deter o mal na fonte. Mas, então, ele acredita que as

cinzas do homem sejam menos fecundas que as dos livros? Refletiu em todos os rebentos que produziram as cinzas de quatrocentos mil heréticos queimados pela Inquisição, sem contar o número muito maior dos que pereceram em outros suplícios? Os livros queimados dão apenas cinzas; mas as vítimas humanas dão sangue, produzindo marcas indeléveis que caem sobre os que o derramam. Foi desse sangue que saiu a febre de incredulidade que atormenta o nosso século, e se a fé se extingue é que a quiseram cimentar pelo sangue, e não pelo amor de Deus. Como amar um Deus que faz queimar os seus filhos? Como crer em sua bondade, se a fumaça das vítimas é incenso que lhe é agradável? Como crer em seu poder infinito, se precisa do braço do homem para fazer prevalecer a sua autoridade pela destruição?

Dirão que isto não é religião, mas abuso. Se tal fosse, com efeito, a essência do Cristianismo, nada haveria a invejar ao paganismo, mesmo quanto aos sacrifícios humanos, e o mundo quase não teria ganho com a troca. Sim, certamente é abuso; mas quando o abuso é obra de chefes que têm autoridade, que dela fazem uma lei e a apresentam como a mais santa ortodoxia, não é de admirar se, mais tarde, que as massas pouco esclarecidas confundam o todo na mesma reprovação. Ora, foram precisamente os abusos que engendraram as reformas, e os que os preconizaram colhem o que semearam.

É de notar que nove décimos das trezentas e sessenta e tantas seitas que dividiram o Cristianismo desde a sua origem tiveram por objetivo aproximar-se dos princípios evangélicos, sendo racional concluir que, se dele não se tivessem afastado, essas seitas não se teriam formado. E com que armas as combateram? Sempre com o ferro, o fogo, as proscricções e as perseguições; tristes e pobres meios de convencer! Foi no sangue que as quiseram abafar. Em falta de raciocínio, a força pôde triunfar dos indivíduos, destruí-los, dispersá-los, mas não pôde aniquilar a idéia. É por isto que, com algumas variantes, nós as vemos reaparecer incessantemente, sob outros nomes ou sob novos chefes.

Como se viu, o autor desse livro é favorável aos remédios heróicos. Entretanto, como teme que a idéia de queimar faça *gritar* no século em que estamos, declara “não se ater essencialmente à fogueira, contanto que o erro seja *suprimido* na sua manifestação do momento e na sua manifestação contínua, isto é, *o homem* que o disse ou escreveu, e que o chama verdade.” Assim, desde que o homem desapareça, pouco lhe importa a maneira. Sabe-se que os recursos não faltam: o fim justifica os meios. Eis para a manifestação *do momento*; mas, para que o erro seja destruído na sua manifestação *contínua*, é preciso, necessariamente, que desapareçam todos os aderentes que não tiverem querido render-se de boa vontade. Vê-se que isto nos leva longe. Aliás, se o meio é duro, é infalível para se desembaraçarem de qualquer oposição.

No século em que estamos, tais idéias não podem deixar de ser importações e reminiscências de existências precedentes. Quantos aos *cordeiros que balem a liberdade*, é ainda um anacronismo, uma lembrança do passado; com efeito, outrora só podiam *balar*; mas hoje os cordeiros tornaram-se aríetes: não balem mais a liberdade; eles a tomam.

Vejamos, no entanto, se queimando Lutero teriam detido o movimento, do qual ele foi o instigador. O autor não parece muito certo disto, pois diz: “O mundo estaria salvo, ao menos por *um século*.” Um século de prazo, eis tudo o que teriam ganho! E por quê? Eis a razão.

Se os reformadores só exprimissem as suas idéias pessoais, não reformariam absolutamente nada, porque não encontrariam eco. Um homem só é impotente para agitar as massas se estas forem inertes e não sentirem em si vibrar alguma fibra. É de notar que as grandes renovações sociais jamais chegam bruscamente; como as erupções vulcânicas, são precedidas por sintomas precursores. As idéias novas germinam, estão em eferescência numa porção de cabeças; a sociedade é agitada por uma espécie de estremecimento, que a põe à espera de alguma coisa.

É nesses momentos que surgem os verdadeiros reformadores, que assim se vêem como representantes, não de uma idéia individual, mas de uma idéia coletiva, vaga, à qual o reformador dá uma forma precisa e concreta, e só triunfa porque encontra espíritos prontos a recebê-la. Tal era a posição de Lutero. Mas Lutero não foi o primeiro, nem o único promotor da reforma. Antes dele houve apóstolos como Wicklef, João Huss, Jerônimo de Praga; estes dois últimos foram queimados por ordem do concílio de Constança; os hussitas, perseguidos com rigor após uma guerra encarniçada, foram vencidos e massacrados. Destruíram os homens, mas não a idéia, que foi retomada mais tarde sob outra forma e modificada em alguns detalhes por Lutero, Calvino, Zwingli, etc., donde é permitido concluir que, se tivessem queimado Lutero, isto para nada teria servido e nem mesmo dado um século de prazo, porque a idéia da reforma não estava somente na cabeça de Lutero, mas na de milhares de cabeças, de onde deveriam sair homens capazes de a sustentar. Teria sido apenas um crime a mais, sem proveito para a causa que o tivesse provocado; tanto isto é verdade que, quando uma corrente de idéias novas atravessa o mundo, nada poderá detê-la.

Lendo tais palavras, dir-se-iam escritas durante a febre das guerras religiosas, e não nos tempos em que se julgam as doutrinas com a calma da razão.

Criações Fantásticas da Imaginação

AS VISÕES DA SRA. CANTIANILLE B...

L'Événement de 19 de junho de 1866 contém o seguinte artigo:

“Fatos estranhos, ainda inexplicados, produziram-se o ano passado em Auxerre e agitaram a população. Os partidários do Espiritismo neles viram manifestações de sua doutrina e o clero os

considerou como novos exemplos de possessão; falaram de exorcismos, como se os belos tempos das Ursulinas de Loundon tivessem voltado. A pessoa em torno da qual se fazia todo esse barulho chamava-se Cantianille B... Um vigário da catedral de Sens, o abade Thorey, autorizado por seu bispo, constatou essas aparentes interrogações às leis naturais. Hoje esse eclesiástico publica, sob o título de *Relações maravilhosas da senhora Cantianille B... com o mundo sobrenatural*, o resultado de suas observações. Ele nos traz uma prova de seu trabalho e é com prazer que dele destacamos um trecho, curioso sob vários aspectos.

Em seu prefácio o autor, depois de haver exposto o plano do livro, acrescenta:

“Que o meu leitor, ao percorrer estas páginas, não precipite o seu julgamento; sem dúvida esses fatos lhe parecerão incríveis, mas eu lhe peço lembrar-se de *que afirmamos sob juramento*, Cantianille e eu, a verdade desses fatos. No relato a seguir, nada de exagerado nem inventado à vontade; tudo aí é perfeitamente exato.

“Aliás esses fatos, essas manifestações prodigiosas do mundo superior se repetem todos os dias e todas as vezes que o desejo. Pedimos que não nos acreditem sob nossa simples afirmação; ao contrário, rogamos encarecidamente que os estudem; que se façam reuniões de homens competentes, que desejem apenas a verdade e dispostos a buscá-la lealmente. Todas essas maravilhas se reproduzirão à sua frente e tantas vezes quantas necessárias para os convencer. Assumimos um compromisso.

“Possam os espíritos de idéias largas considerar este livro como uma boa noval!”

No correr da obra, Cantianille B... conta como se tornou membro e presidente de uma sociedade de Espíritos, em 1840, durante sua estada num convento de religiosas:

“Ossian (Espírito de segunda ordem), tendo vindo, como de hábito, buscar-me no convento, logo me vi transportada ao meio da reunião. Colocou-me sobre um trono, onde os aplausos mais barulhentos acolheram a minha aparição.

“Fizeram-me proferir o juramento ordinário: Juro ofender a Deus por todos os meios possíveis e não recuar diante de nada para fazer triunfar o inferno sobre o céu. Amo a Satã! Odeio a Deus! Quero a queda do céu e o reino do inferno!...

“Depois disto, cada um veio felicitar-me e encorajar-me para me mostrar forte nas provas que me restavam suportar. Prometi.

“Esses gritos, esse tumulto, esse desvelo de cada um, a música e os feixes de luz que clareavam a sala, tudo me eletrizava, me inebriava! Então gritei com voz forte: ‘Estou pronta; não temo vossas provas; ides ver se sou digna de ser dos vossos.’ Logo cessou todo ruído, toda luz desapareceu. ‘Marcha’, disse-me uma voz. Sem dúvida avancei por um estreito corredor, pois sentia de cada lado como que duas muralhas, e estas pareciam aproximar-se cada vez mais. Pensei que ia sufocar e o terror apoderou-se de mim. Quis voltar; mas, no mesmo instante, senti-me nos braços de Ossian. Ele exerceu sobre todo o meu corpo uma pressão tão viva que soltei um grito penetrante. ‘Cala-te, disse-me ele, ou estarás morta.’ O perigo restituiu-me a coragem...

“Não, não gritarei mais; não, não recuarei.” E fazendo um esforço sobre-humano, transpus de um salto o longo corredor, que se tornava cada vez mais escuro e estreito. Apesar de meus esforços, meu espanto redobrava e eu talvez fosse fugir, quando, de repente, faltando terra sob meus pés, caí num abismo cuja profundidade não podia avaliar. Fiquei um instante atordoada nessa queda, sem, contudo, perder a coragem. Um pensamento infernal acabava de me atravessar o espírito. ‘Ah! eles querem me apavorar!...

Verão se temo os demônios...’ E logo me levantei para procurar uma saída. Mas... eis que de todos os lados apareceram chamas!... Aproximavam-se de mim como para me queimar...

“E, no meio desse fogo, os Espíritos gritando, urrando, que terror!

“Para que me queres? perguntei a Ossian.

“– Quero que sejas a presidente de nossa associação... Quero que nos ajudes a odiar a Deus; quero que jures ser nossa, por nós e conosco, em toda parte e para sempre!”

“Tão logo fiz estas promessas o fogo apagou-se subitamente.

“Não me fujas, disse-me ele, eu te trago a felicidade e a grandeza. Olha.” Achei-me em meio aos associados, no meio da sala, que haviam embelezado em minha ausência. – Um repasto suntuoso foi servido.

“Aí me deram o lugar de honra; e, no fim, quando todos estavam esquentados pelo vinho e pelos licores e superexcitados pela música, fui nomeada presidente.

“Aquele que me havia entregue ressaltou nalgumas palavras a coragem que eu tinha mostrado nessas provas terríveis e, em meio de mil bravos, aceitei o título fatal de presidente.

“Eu estava, assim, à testa de vários milhares de pessoas atentas ao menor sinal. – Não tive senão um pensamento: merecer sua confiança e sua submissão. Infelizmente, fui muito bem sucedida.”

O autor tem razão ao dizer que os partidários do Espiritismo podem ver nesses fatos manifestações de sua doutrina. É que, com efeito, o Espiritismo, para os que o estudaram alhures

que não na escola dos senhores Davenport e Robin, é a revelação de um novo princípio, de uma nova lei da Natureza, que nos dá a razão daquilo que, em falta de melhor, convencionou-se atribuir à imaginação. Esse princípio está no mundo extracorpóreo, intimamente ligado à nossa existência. Aquele que não admite a alma individual e independente da matéria, rejeitando a causa *a priori*, não pode explicar os seus efeitos. E, contudo, esses efeitos estão incessantemente aos nossos olhos, inumeráveis e patentes; seguindo-os passo a passo em sua filiação, chega-se à fonte. É o que faz o Espiritismo, procedendo sempre por via de observação, remontando do efeito à causa, e jamais pela teoria preconcebida.

Eis um ponto capital, sobre o qual nunca insistiríamos em demasia. O Espiritismo não tomou como ponto de partida a existência dos Espíritos e do mundo invisível, a título de suposição gratuita, salvo para provar mais tarde essa existência, mas na observação dos fatos, e dos fatos constatados concluiu pela teoria. Esta observação o levou a reconhecer não só a existência da alma como ser principal, pois que nela residem a inteligência e as sensações, e sobrevive ao corpo, mas que se passam fenômenos de ordem particular na esfera da atividade da alma, encarnada ou desencarnada, fora da percepção dos sentidos. Como a ação da alma se liga essencialmente à do organismo durante a vida, é um campo de exploração vasto e novo aberto à psicologia e à fisiologia, e no qual a Ciência achará o que inutilmente procura há tanto tempo.

Assim o Espiritismo encontrou um princípio profundo, o que não quer dizer que tudo possa explicar. O conhecimento das leis da eletricidade deu a explicação dos efeitos do raio. Ninguém tratou esta questão com mais saber e lucidez do que Arago e, contudo, nesse fenômeno tão vulgar do raio, há efeitos que ele declara, em que pese a sua sapiência, não poder explicar, por exemplo, o dos relâmpagos bifurcados. Nega-os por isto? Não, porque tem muito bom-senso e, aliás, não pode negar um fato. Que

faz ele? Diz: observemos e esperemos estar mais adiantados. O Espiritismo não age de outro modo; confessa sua ignorância sobre aquilo que não sabe e, esperando sabê-lo, busca e observa.

As visões da Sra. Cantianille pertencem a essa categoria de questões sobre as quais, de certo modo, não se pode, até mais ampla informação, senão tentar uma explicação. Cremos achá-la no princípio das criações fluidicas pelo pensamento.

Quando as visões têm por objeto uma coisa positiva, real, cuja existência é constatada, sua explicação é muito simples: a alma vê, por efeito de sua irradiação, o que os olhos do corpo não podem ver. Não tivesse o Espiritismo explicado senão isto e já teria levantado o véu sobre muitos mistérios. Mas a questão se complica quando se trata de visões que, como as da Sra. Cantianille, são puramente fantásticas. Como pode a alma ver o que não existe? De onde vêm essas imagens que, para os que as vêem, têm toda aparência de realidade? Dizem que são efeitos da imaginação. Seja; mas esses efeitos têm uma causa. Em que consiste esse poder da imaginação? Como e sobre o que age ela? Se uma pessoa medrosa, ao ouvir um ruído de camundongos durante a noite, for tomada de terror e imagine ouvir passos de ladrões; se tomar uma sombra ou uma forma vaga por um ser vivo que a persegue, aí estão verdadeiros efeitos da imaginação; mas, nas visões do gênero das de que se trata aqui, existe algo mais, porque já não é apenas uma idéia falsa, é uma imagem com suas formas e cores, tão claras e tão precisas que poderiam ser desenhadas; e, contudo, não passam de ilusão! De onde vem isto?

Para nos darmos conta do que se passa nessa circunstância, é preciso sairmos do nosso ponto de vista exclusivamente material, e penetrar, pelo pensamento, no mundo incorpóreo, identificar-nos com a sua natureza e com os fenômenos especiais que devem passar-se num meio inteiramente diverso do nosso. Estamos aqui em baixo na posição de um espectador que se

admira de um efeito cênico, porque não lhe compreende o mecanismo; mas, se for atrás dos bastidores, tudo lhe será explicado.

Em nosso mundo, tudo é matéria tangível. No mundo invisível tudo é, se assim nos podemos exprimir, *matéria intangível*, isto é, intangível para nós que apenas percebemos por órgãos materiais, mas tangível para os seres desse mundo, que percebem por sentidos espirituais. Tudo é fluídico nesse mundo, homens e coisas, e as coisas fluídicas aí são tão reais, relativamente, quanto o são para nós as coisas materiais. Eis um primeiro princípio.

O segundo princípio está nas modificações que o pensamento faz sofrer o elemento fluídico. Pode-se dizer que o modela à vontade, como modelamos uma porção de terra para dela fazer uma estátua; apenas sendo a terra uma matéria compacta e resistente, para a manipular é preciso um instrumento resistente, enquanto a matéria etérea sofre sem esforço a ação do pensamento. Sob essa ação, ela é susceptível de revestir todas as formas e todas as aparências. É assim que se vêem os Espíritos ainda pouco desmaterializados apresentar-se como tendo na mão os objetos que tinham em vida, revestir-se com as mesmas roupas, usando os mesmos ornamentos e tomando, à vontade, as mesmas aparências. A rainha de Oude, cuja entrevista publicamos na Revista de março de 1858, sempre se via com suas jóias e dizia que estas jamais a haviam deixado. Para isto basta-lhes um ato do pensamento, sem que, o mais das vezes, se dêem conta da maneira pela qual a coisa se opera, como entre os vivos muita gente anda, vê e ouve sem poder dizer como e por quê. Tal estava ainda o Espírito do zuavo de Magenta (Revista de julho de 1859), que dizia ter seu mesmo traje e que, quando lhe perguntavam onde o tinha obtido, pois o seu havia ficado no campo de batalha, respondia: Isto é com meu alfaiate. Citamos vários fatos deste gênero, entre outros o do homem da tabaqueira (agosto de 1859) e o de Pierre Legay (novembro de 1864), que pagava seu lugar no ônibus. Essas criações fluídicas por vezes podem revestir, para os vivos,

aparências momentaneamente visíveis e tangíveis, porque se devem, na realidade, a uma transformação da matéria etérea. O princípio das criações fluídicas parece ser uma das leis mais importantes do mundo incorpóreo.

A alma encarnada, gozando parcialmente em seus momentos de emancipação das faculdades do Espírito livre, pode produzir efeitos análogos. Aí pode estar a causa das visões ditas fantásticas. Quando o Espírito está fortemente imbuído de uma idéia, seu pensamento pode criar-lhe uma imagem fluídica que, para ele, tem todas as aparências da realidade, tão bem quanto o dinheiro de Pierre Legay, embora a coisa não exista por si mesma. Tal é, sem dúvida, o caso em que se encontrou a Sra. Cantianille. Preocupada com o relato que lhe fizeram do inferno, dos demônios e de suas tentações, dos pactos pelos quais eles se apoderam das almas, das torturas dos danados, seu pensamento lhe criou um quadro fluídico, que só tinha realidade para ela.

Pode-se classificar na mesma categoria as visões da Irmã Elmerich, que afirmava ter visto todas as cenas da Paixão e encontrado o cálice no qual Jesus havia bebido, bem como outros objetos análogos aos em uso no culto atual, que certamente não existiam naquela época e dos quais, no entanto, fazia uma descrição minuciosa. Dizendo que tinha visto tudo isto, agia com boa-fé, porque realmente tinha visto pelos olhos da alma, mas uma imagem fluídica, criada pelo seu pensamento.

Todas as visões têm seu princípio nas percepções da alma, como a vista corporal tem a sua na sensibilidade do nervo óptico; mas elas variam em sua causa e em seu objeto. Quanto menos desenvolvida é a alma, tanto mais é susceptível de criar ilusão sobre o que vê; suas imperfeições a tornam sujeita ao erro. As mais desmaterializadas são aquelas cujas percepções são mais extensas e mais justas; todavia, por mais imperfeitas que sejam, suas faculdades não são menos úteis para estudar. Se esta explicação não

oferece uma certeza absoluta, ao menos tem um caráter evidente de probabilidade. Prova, sobretudo, uma coisa: que os espíritas não são tão crédulos quanto o pretendem seus detratores e não baixam a cabeça a tudo quanto parece maravilhoso. Para eles, portanto, nem todas as visões são artigos de fé; mas, sejam o que forem, ilusões ou verdades, são *efeitos* que não poderiam ser negados. Eles os estudam e deles procuram dar-se conta, sem a pretensão de tudo saber e de tudo explicar. Não afirmam uma coisa senão quando está demonstrada pela evidência. Desse modo, aceitar tudo seria tão inconseqüente quanto tudo negar.

Questões e Problemas

FILHOS, GUIAS ESPIRITUAIS DOS PAIS

Tendo perdido um filho de sete anos, e tendo-se tornado médium, uma mãe teve por guia o próprio filho. Um dia ela lhe fez a seguinte pergunta:

Caro e bem-amado filho, um espírita, amigo meu, não compreende e nem admite que tu possas ser o guia espiritual de tua mãe, já que ela existia antes de ti e, indubitavelmente, deve ter tido um guia, nem que fosse durante o tempo em que tivemos a felicidade de ter-te ao nosso lado. Podes dar-nos algumas explicações?

Resposta do Espírito da criança – Como quereis aprofundar tudo quanto vos parece incompreensível? Mesmo aquele que vos parece mais adiantado no Espiritismo está apenas nos primeiros elementos desta doutrina e não sabe mais que este ou aquele, que vos parece a par de tudo e capaz de vos dar explicações. – Eu existi muito tempo antes de minha mãe e, em outra existência, ocupei uma posição eminente por meus conhecimentos intelectuais.

Mas um imenso orgulho se havia apoderado de meu Espírito, e durante várias existências consecutivas fui submetido à mesma provação, sem dela poder triunfar, até chegar à existência em que estava junto de vós. Mas como já era adiantado e minha partida devia servir ao vosso progresso, a vós tão atrasados na vida espírita, Deus me chamou antes do fim de minha carreira, considerando minha missão junto a vós mais proveitosa como Espírito do que como encarnado.

Durante minha última estada na Terra, minha mãe teve o seu anjo-da-guarda junto a ela, mas temporariamente, porque Deus sabia que era eu que devia ser o seu guia espiritual e que eu a traria mais eficazmente na via de que ela estava tão afastada. Esse guia, que ela tinha então, foi chamado a uma outra missão, quando vim tomar seu lugar junto a ela.

Perguntai aos que sabeis mais adiantados do que vós, se esta explicação é lógica e boa, pois é possível que me engane ao expressar a minha opinião pessoal. Enfim, isto vos será explicado, se perguntardes. Muitas coisas que ainda vos são ocultas vos parecerão claras mais tarde. Não queirais aprofundar muito, porque dessa aparente preocupação nasce a confusão de vossas idéias. Tende paciência; assim como um espelho embaciado por um sopro ligeiro pouco a pouco se clarifica, vosso espírito tranqüilo e calmo atingirá esse grau de compreensão necessário ao vosso adiantamento.

Coragem, pois, bons pais; marchai com confiança, e um dia bendireis a hora da provação terrível que vos trouxe à via da felicidade eterna, e sem a qual ainda teríeis muitas existências infelizes a percorrer.

Observação – Essa criança era de uma precocidade intelectual rara para sua idade. Mesmo gozando saúde, parecia pressentir seu fim próximo; gostava dos cemitérios, e sem jamais

ter ouvido falar do Espiritismo, em que seus pais não acreditavam, muitas vezes perguntava se, quando se está morto, não se podia voltar para os que se tinha amado; aspirava a morte como uma felicidade e dizia que quando morresse sua mãe não devia afligir-se, porque voltaria para junto dela. Com efeito, foi a morte de três filhos em alguns dias que levou os pais a buscar uma consolação no Espiritismo. Essa consolação eles a encontraram largamente e sua fé foi recompensada pela possibilidade de conversar a cada instante com os filhos, pois em muito pouco tempo a mãe tornou-se excelente médium, tendo até o próprio filho como guia, Espírito que se revela por grande superioridade.

COMUNICAÇÃO COM OS SERES QUE NOS SÃO CAROS

Por que todas as mães que choram seus filhos, e que ficariam felizes se com eles se comunicassem, muitas vezes não o podem? Por que a visão deles lhes é recusada, mesmo em sonho, não obstante seu desejo e suas preces ardentes?

Além da falta de aptidão especial que, como se sabe, não é dada a todos, por vezes há outros motivos, cuja utilidade a sabedoria da Providência aprecia melhor que nós. Essas comunicações poderiam ter inconvenientes para as naturezas muito impressionáveis; certas pessoas poderiam delas abusar e a elas se entregar com um excesso prejudicial à saúde. A dor, em semelhante caso, sem dúvida é natural e legítima; mas algumas vezes é levada a um ponto desarrazoado. Nas pessoas de caráter fraco, muitas vezes essas comunicações tornam mais viva a dor, em vez de a acalmar, razão por que nem sempre lhes é permitido receber, mesmo por outros médiuns, até que se tenham tornado mais calmas e bastante senhoras de si para dominar a emoção. A falta de resignação, em semelhante caso, é quase sempre um motivo de retardamento.

Depois, é preciso dizer que a impossibilidade de comunicar com os Espíritos que mais se ama, quando se o pode

com outros, é muitas vezes uma prova para a fé e a perseverança e, em certos casos, uma punição. Aquele a quem esse favor é recusado deve, pois, dizer-se que sem dúvida mereceu; cabe-lhe procurar a causa *em si mesmo*, e não atribuí-la à indiferença ou ao esquecimento do ser lamentado.

Finalmente, há temperamentos que, não obstante a força moral, poderiam sofrer o exercício da mediunidade com certos Espíritos, mesmo simpáticos, conforme as circunstâncias.

Admiremos em tudo a solicitude da Providência, que vela sobre os mínimos detalhes, e saibamos submeter-nos à sua vontade sem murmurar, porque ela sabe melhor que nós o que nos é útil ou prejudicial. Ela é para nós como um bom pai, que nem sempre dá a seu filho o que ele deseja.

Dão-se as mesmas razões no que concerne aos sonhos. Os sonhos são as lembranças do que a alma viu no estado de desprendimento, durante o sono. Ora, essa lembrança pode ser interdita. Mas aquilo de que não nos lembramos não está, por isto, perdido para a alma; as sensações experimentadas durante as excursões que ela faz no mundo invisível, deixam ao despertar impressões vagas; e não referimos pensamentos e idéias cuja origem muitas vezes não suspeitamos. Podemos, pois, ter visto durante o sono os seres aos quais nos afeiçãoamos, com os quais nos entretemos e não lhes guardar a lembrança. Então dizemos que não sonhamos.

Mas se o ser lamentado não pode manifestar-se de uma maneira ostensiva qualquer, nem por isso estará menos junto aos que o atraem por seu pensamento simpático. Ele os vê, ouve as suas palavras e, muitas vezes, adivinhamos a sua presença por uma espécie de intuição, uma sensação íntima, algumas vezes até por certas impressões físicas. A certeza de que não está no nada; de que não está perdido nas profundezas do espaço, nem nos abismos do

inferno; de que é mais feliz, agora isento dos sofrimentos corporais e das tribulações da vida; de que o veremos, depois de uma separação momentânea, mais belo, mais resplandecente, sob seu envoltório etéreo imperecível, e não sob a pesada carapaça carnal – eis a imensa consolação que recusam os que crêem que tudo acaba com a vida; e é o que dá o Espiritismo.

Em verdade, não se compreende o encanto que se pode encontrar em se comprazer na idéia do nada para si mesmo e para os seus, e a obstinação de certas pessoas em repelir até a esperança de que pode ser diferente, e os meios de adquirir a sua prova. Diga-se a um doente agonizante: “Amanhã estareis curado, vivereis ainda muitos anos, alegre, saudável”, ele aceitará o augúrio com alegria; o pensamento da vida espiritual, indefinida, isenta de enfermidades e preocupações da vida, não é muito mais satisfatória?

Pois bem! o Espiritismo dela não dá apenas a esperança, mas a certeza. É por isto que os espíritas consideram a morte completamente diferente da maneira por que o fazem incrédulos.

PERFECTIBILIDADE DOS ESPÍRITOS

(Paris, 3 de fevereiro de 1866 - Grupo do Sr. Lat... – Médium: Sr. Desliens)

P. – Se, conforme o Espiritismo, os Espíritos ou almas se melhoram indefinidamente, devem tornar-se infinitamente aperfeiçoados ou puros. Chegados a esse grau, por que não são iguais a Deus? Isto não se coaduna com a justiça.

Resp. – O homem é uma criatura realmente singular! Sempre acha o seu horizonte muito limitado; quer compreender tudo, tudo captar, conhecer tudo! Quer penetrar o insondável e despreza o estudo do que lhe toca imediatamente; quer compreender Deus, julgar seus atos, fazê-lo justo ou injusto; diz como queria que ele fosse, sem suspeitar que ele é tudo isto e mais ainda!... Mas, verme miserável, alguma vez compreendeste de maneira absoluta algo do que te cerca? Sabes por qual lei a flor se

colora e se perfuma aos beijos vivificantes do Sol? Sabes como nasce, como vives e porque teu corpo morre?... – Tu vês fatos, mas, para ti, as causas ficam envoltas num véu impenetrável e querias julgar o princípio de todas as causas, a causa primeira, Deus, enfim! – Há muitos outros estudos mais necessários ao desenvolvimento de teu ser, que merecem toda a tua atenção!...

Quando resolves um problema de álgebra não vais do conhecido ao desconhecido e, para compreender Deus, esse problema insolúvel desde tantos séculos, queres dirigir-te a ele diretamente! Então possuis todos os elementos necessários para estabelecer uma tal equação? Não te falta algum documento para julgar teu Criador em última instância? Não vais crer que o mundo seja limitado a esse grão de poeira, perdido na imensidade dos espaços, onde te agitas mais imperceptível que o menor dos infusórios de que o Universo é uma gota d'água? – Entretanto, raciocinemos e vejamos por que, conforme teus conhecimentos atuais, Deus seria injusto não se deixando jamais alcançar por sua criatura.

Em todas as ciências há axiomas ou verdades irrecusáveis, que se admitem como bases fundamentais. As ciências matemáticas e, em geral, todas as ciências, são baseadas no axioma de que a parte jamais poderia igualar o todo. O homem, criatura de Deus, conforme esse princípio, jamais poderia alcançar aquele que o criou.

Suponde que um indivíduo deva percorrer uma estrada de extensão infinita; de uma *extensão infinita*, pesai bem a expressão. É esta a posição do homem em relação a Deus, considerado o seu fim.

Dir-me-eis que, por pouco que se avance, a soma dos anos e dos séculos de marcha permitirá atingir o fim. Aí está o erro!... O que fizerdes num ano, num século, num milhão de

séculos, será sempre uma quantidade finita; um outro espaço igual não vos permitirá fornecer senão uma quantidade igualmente finita, e assim por diante. Ora, para o mais noviço matemático, uma soma de quantidades finitas jamais poderia formar uma quantidade infinita. O contrário seria absurdo e, neste caso, poder-se-ia medir o infinito, o que o faria perder sua qualidade de infinito. – O homem progredirá sempre e incessantemente, mas em quantidade finita; a soma de seus progressos não será jamais senão de uma perfeição finita, que não poderia alcançar a Deus, o infinito em tudo. Não há, pois, injustiça da parte de Deus em que suas criaturas jamais o possam igualar. A natureza de Deus é um obstáculo intransponível a um tal fim do Espírito; sua justiça também não poderia permiti-lo, porque se um Espírito alcançasse a Deus, seria o próprio Deus. Ora, se dois Espíritos são tais que tenham ambos um poder infinito sob todos os aspectos e um seja idêntico ao outro, eles se confundirão num só e não haverá mais que um Deus; um deveria, pois, perder a sua individualidade, o que seria uma injustiça muito mais evidente do que não poder alcançar um fim infinitamente distanciado, mesmo dele se aproximando constantemente. Deus faz bem o que faz e o homem é muito pequeno para se permitir pesar as suas decisões.

Moki

Observação – Se há um mistério insondável para o homem, é o princípio e o fim de todas as coisas. A visão do infinito lhe dá vertigem. Para o compreender, são necessários conhecimentos e um desenvolvimento intelectual e moral que ainda está longe de possuir, malgrado o orgulho que o leva julgar-se chegado ao topo da escala humana. Em relação a certas idéias, está na posição de uma criança que quisesse fazer cálculo diferencial e integral antes de saber as quatro operações. À medida que avançar para a perfeição, seus olhos se abrirão à luz e o nevoeiro que os cobre se dissipará. Trabalhando seu melhoramento presente, chegará mais cedo do que se perdendo em conjecturas.

Variedades

A RAINHA VITÓRIA E O ESPIRITISMO

Lê-se no *Salut public* de Lyon, de 3 de junho de 1866, nas notícias de Paris:

“Durante sua curta estada em Paris, lorde Granville dizia a alguns amigos que a rainha Vitória se mostrava mais preocupada do que jamais se vira em qualquer época de sua vida, a respeito do conflito austro-prussiano. Acrescentava o nobre lorde, presidente do conselho privado de S. M. britânica, que a rainha acreditava obedecer à voz do defunto príncipe Alberto, nada poupando para evitar uma guerra que atearia fogo na Alemanha inteira. Foi sob essa impressão, que não a deixa, que escreveu várias vezes ao rei da Prússia, bem como ao imperador da Áustria e que também teria dirigido uma carta autógrafa à imperatriz Eugênia, suplicando-lhe juntar seus esforços aos dela em favor da paz.”

Este fato confirma o que publicamos na *Revista Espírita* de março de 1864, sob o título de *Uma rainha médium*. Ali era dito, de acordo com uma correspondência de Londres, reproduzida por vários jornais, que a rainha Vitória se entretinha com o Espírito príncipe Alberto e tomava seus conselhos em certas circunstâncias, como o fazia em vida deste último. Remetemos a esse artigo para os detalhes do fato e para as reflexões a que deu causa. Aliás, podemos afirmar que a rainha Vitória não é a única cabeça coroada ou próxima da realeza, que simpatiza com as idéias espíritas, e todas as vezes que dissemos que a doutrina tinha aderentes até nos mais altos graus da escala social, em nada exageramos.

Muitas vezes têm perguntado por que os soberanos, convictos da verdade e da excelência desta doutrina, não consideravam um dever apoiá-la abertamente com a autoridade de seu nome. É que os soberanos talvez sejam os homens menos livres; mais que simples particulares, estão submetidos às exigências

do mundo e obrigados, *por razões de Estado*, a certas cautelas. Não nos permitiríamos citar a rainha Vitória, a propósito do Espiritismo, se outros jornais não houvessem tomado a iniciativa; e, porque não houve para o fato nem desmentidos, nem reclamações, julgamos poder fazê-lo sem inconveniente. Sem dúvida, dia virá em que os soberanos poderão confessar-se espíritas, como se confessam protestantes, católicos gregos ou romanos. Esperando, sua simpatia não é tão estéril quanto se poderia crer, porque, em certos países, se o Espiritismo não é entravado e perseguido oficialmente, como o era o Cristianismo em Roma, deve-o a altas influências. Antes de ser oficialmente protegido, deve contentar-se em ser tolerado, aceitar o que lhe dão e não pedir muito, com medo de nada obter. Antes de ser carvalho, não passa de caniço, e se o caniço não se quebra, é que se dobra ao vento.

Poesias Espíritas

MÉRY, O SONHADOR

(Grupo do Sr. L..., 4 de julho de 1866 – Médium: Sr. Vavasour)

Em vossa margem recém-nato
 Uma mulher vi com recato
 Dizer ao ver meu despertar:
 Seu doce sono não turbar,
 Ele sonha; e eu nascia apenas!
 Mais tarde, nas planícies plenas
 Florido trevo desfolhava,
 A dizer que Méry sonhava;
 E quando a pobre mãe se estanca
 A me assentar na pedra branca
 Que guarda a borda do riacho,
 Ela dizia ainda, eu acho:
 Meu filho sonha. No colégio,
 Por ódio ou por desprezo régio!
 Amigos foram para longe,
 Deixando-me só como um monge,

A sonhar. E quando a inquietude
Do mal manchou-me a juventude,
A turba me apontava o dedo
Dizendo: É Méry, deve cedo
Sonhar ainda. E então, prudente,
Quase a meio caminho rente
Fui julgado como escritor,
É em vão, diziam com humor,
Que ele evoca a poesia
Em seus versos, é a fantasia
Que em seu apelo vem. Méry,
Que quer que faça, é só Méry.
E quando a derradeira prece
Benzesse o que pó se fizesse,
Atento em meu sepulcro, ouvi
Um termo só, repito-o aqui:
Sonhador! Ah, sim, sobre a terra
Sonhei; que algum mal isto encerra?
Um sonho que não terminou,
E ao qual, aqui, reinício dou.

J. Méry

A PRECE DA MORTE PELOS MORTOS

(Sociedade de Paris, 13 de julho de 1866 – Médiun: Sr. Vavasour)

Dos tempos ao fremir os séculos se vão
Com os bens das estações, passam sem compaixão,
E a morte então passou mas sem bater à porta
Que escondia o tesouro e em segredo o transporta;
A vida! Ó morte! A mão que tua mão dirige
Cansada de bater, ela amanhã te exige
Teus golpes suspender? Tua fome incontida
Ainda quer perturbar o banquete da vida?
Mas, se vens sem cessar, qualquer hora do dia,
Buscar mortos em nós para a tua estadia,
O Universo é tão pouco a teus fundos abismos,
Ou sem fundo é teu caos a tão cruéis sadismos.
Ó morte! Vês chorar a virgem sem chorar,
E as flores secas tu que a deviam ornar,

Sem permitir-lhe a fronte a coroa cingir
 De rosas e de lis que o esposo deu-lhe a rir.
 Não escutas, ó morte! o grito da criança,
 Que impiedosa vens ferir sem esperança
 De sua própria mãe deixá-la conhecer
 Que a ela dava o céu dando a terra ao nascer.
 Não escutas, ó morte! a este velho que em vida
 Implora-te um favor, à hora da partida,
 E a seu filho abraçar e à filha abençoar,
 Pra tranqüilo dormir da vida ante o cessar.
 Mas, cruel! diz-me tu que os mortos vêm ser
 Os que saem de cá para a outras margens ter?
 Assim sofrerão sempre os tormentos da Terra
 Em plena eternidade, e a prece o que ela encerra
 Não poderia enfim dulcificar-lhe um dia?
 E a morte respondeu: Na morada sombria
 Onde, livre, instalei meu tenebroso império,
 A prece é poderosa e é Deus que a inspira sério
 Aos entregues a mim. À tarde, ao retornar,
 Em meu sangrento trono em pompa vou sentar,
 Miro a amplidão dos céus e sou eu a primeira
 Por meus mortos a prece a recitar inteira.
 Escuta, filho, escuta: “Ó Deus onipotente,
 Lá dos céus sobre mim, sobre eles, faz clemente
 O teu piedoso olhar. Que um raio de esperança
 Os lugares aclare onde a dor nos alcança.
 Faze-nos ver, ó Deus! A terra do perdão,
 Essa margem sem fim, essa vasta extensão,
 Dos eleitos da terra, ou seja a pátria eterna
 Onde a todos criaste a vida sempiterna;
 Faze cada um de nós, ante a tua vontade,
 Com respeito inclinar-se; em face à majestade
 De teus desígnios, pois, prosternado te adore;
 Se curve ante teu nome, e ainda erguendo-se ore,
 Exclamando: Senhor! Se me houvestes banido
 Da morada terrena, assim me haveis punido
 Dos mortos no reduto, eu posso confessar
 Ter merecido mais; batei-me sem cessar,
 Senhor, e eu sofrerei sem murmúrio velado
 E meus olhos jamais tão bem terão chorado
 Para lavar de todo a mancha tenebrosa
 Que sempre no presente até-m-se vergonhosa.

Vossos golpes terei, levarei minha cruz
 Sem jamais maldizer da prova a que fiz jus,
 E quando derdes fim à minha justa prova
 Se derdes tu, Senhor, ao ser que se renova
 Os bens que ele perdeu na amarga soledade,
 O ar puro, a brisa, o sol, a própria liberdade,
 O ter repouso e paz diante de vós, Senhor,
 Comprometo-me a orar por mim mesmo e em favor
 De meus pobres irmãos ao peso quase eterno
 De um sofrer que os retém presos ao próprio inferno;
 Às suas sombras, pois, do outro lado a chorar,
 A minha assim lhes diz, então, ao se afastar:
 Coragem, meus irmãos, vós que ficais aqui,
 Eu cumprirei nos céus, o que vos prometi.”

Casimir Delavigne

Já publicamos outros trechos de poesias obtidas por esse médium, nos números de junho e julho, sob os títulos de *A teu livro* e *A prece pelos Espíritos*. O Sr. Vavas seur é um médium versificador na acepção da palavra, porque só muito raramente obtém comunicações em prosa e, embora muito letrado e conhecedor das regras de poesia, de si mesmo jamais fez versos. Mas, dirão, o que sabeis a respeito e quem vos diz que aquilo que supondes obter mediunicamente não será produto de sua composição pessoal? Nós o acreditamos, primeiro porque ele o afirma e porque o temos por incapaz de mentir; em segundo lugar porque a mediunidade, sendo nele completamente desinteressada, nenhuma razão teria de se dar a um esforço inútil e de representar uma comédia indigna de um caráter honrado. Sem dúvida a coisa seria mais evidente e, sobretudo, mais extraordinária se ele fosse completamente analfabeto, como se vê em certos médiuns, mas os conhecimentos que possui não infirmariam a sua faculdade, desde que demonstrada por outras provas.

Que expliquem por que, por exemplo, se ele quiser compor algo de si mesmo, um simples soneto, nada obtém, ao passo que, sem o buscar, e sem desígnio premeditado, escreve

trechos de grande fôlego, de um jacto, mais rapidamente e mais correntemente do que se escreveria prosa, sobre um assunto improvisado, no qual não pensava? Qual o poeta capaz de semelhante proeza, que se repete quase diariamente? Não poderíamos duvidá-lo, porque os trechos que citamos, e muitos outros, foram escritos sob os nossos olhos, na Sociedade e em diferentes grupos, em presença de uma assembléia muitas vezes numerosa. Que todos os malabaristas, que pretendem descobrir os pretensos cordéis dos médiuns, imitando mais ou menos grosseiramente alguns efeitos físicos, venham, então, disputar com certos médiuns escreventes e tratar, mesmo em simples prosa, instantaneamente, sem preparação nem retoque, o primeiro assunto surgido e as mais abstratas questões! É uma prova a que nenhum detrator não quis ainda submeter-se.

A propósito, recordamo-nos de que, há seis ou sete anos, um escritor e jornalista, cujo nome por vezes figura na imprensa entre os zombadores do Espiritismo, veio nos procurar, dando-se por médium *intuitivo* e oferecendo seu concurso à Sociedade. Dissemos-lhe que, antes de aceitar sua *obsequiosa* oferta, precisávamos conhecer a extensão e a natureza de sua faculdade; em consequência, nós o convocamos para uma sessão particular de ensaio, na qual se encontravam quatro ou cinco médiuns. Tão logo estes tomaram do lápis, começaram a escrever com tal rapidez que o deixou estupefato; rabiscou três ou quatro linhas com fortes rasuras, alegou dor de cabeça, o que perturbava a sua faculdade. Prometeu voltar e não o vimos mais. Ao que parece, os Espíritos só o assistem com a cabeça fresca e em seu gabinete.

É verdade que se viram improvisadores, como o finado Eugène de Pradel, cativar os ouvintes pela sua naturalidade. Admiraram-se de que nada tivessem publicado. A razão é muito simples: é que o que seduzia a audição não era suportável à leitura; não passava de um arranjo de palavras saídas de uma fonte abundante, onde brilhavam, excepcionalmente, alguns traços

espirituosos, mas cujo conjunto era vazio de pensamentos sérios e profundos, e semeado de incorreções revoltantes. Não nos referimos à censura que se possa fazer aos versos, embora obtidos com quase tanta rapidez quanto os improvisos verbais. Se fossem fruto de um trabalho pessoal, seria uma singular humildade da parte do autor atribuir o mérito a outros, e não a si, privando-se da honra que daí poderia tirar.

Apesar de a mediunidade do Sr. Vasseur ser recente, ele já possui uma coletânea bem importante de poesias de real valor, que pretende publicar. Apressar-nos-emos em anunciar essa obra tão logo apareça, pois não temos dúvida de que será lida com interesse.

Nota Bibliográfica

CANTATA ESPÍRITA

Letra do Sr. Herczka e música do Sr. Armand Toussaint, de Bruxelas, com acompanhamento de piano.

Esse fragmento não é dado como produção mediúnica, mas como obra de um artista inspirado por sua fé espírita. As pessoas competentes que ouviram a sua execução, concordam em lhe atribuir um mérito real, digno do assunto. Temos dito muitas vezes que, bem compreendido, o Espiritismo será uma fecunda mina para as artes, de onde a poesia, a pintura, a escultura e a música tirarão novas inspirações. Haverá a arte espírita, como houve a arte pagã e a arte cristã.

(Venda em benefício dos pobres. Preço líquido: 1 fr. 50 c., franco para a França, 1 fr. 60 c. – Bruxelas, sede da Sociedade Espírita, 51, rue de la Montagne. – Paris, no escritório da *Revista*).

Allan Kardec